

Organização Econômica Pré-histórica

SILVA FILHO

ANTES de entrar nas considerações sobre o que se deve entender por economia pré-histórica, tentaremos exprimir o que se entende por pré-história, deixando de discutir os conceitos de organização.

Denomina-se *pré-história*, *arqueologia pré-histórica* ou *paleo-etnografia* a ciência que estuda os tempos compreendidos entre o aparecimento do homem sobre a terra e o uso da escrita, que representa uma forma já avançada da civilização (1).

A partir do período quaternário, abundam ossadas e instrumentos, que não nos deixam dúvidas sobre a existência do homem (2). Há, todavia, hipóteses, com certo fundamento, sobre a existência do homem já no fim da era terciária, não sendo ela, entretanto, aceita com segurança.

A indústria do ferro é outro sinal dado como limítrofe entre a pré-história e a história. E', todavia, muito difícil assinalar, com precisão, a data da descoberta desse importante metal, que tão profunda revolução trouxe ao curso da civilização. O uso dos metais (cobre, bronze e ferro) representa fato de tal monta na história da civilização, que a idade dos metais, embora estudada na pré-história, é considerada por abalizados autores como o alvorecer dos tempos históricos.

Vê-se, assim, que não é muito fácil, se é que é possível, traçar com precisão e segurança o limite entre a pré-história e a história, ponto-base de partida para o presente trabalho.

Com essas considerações, entremos no assunto:

ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA PRÉ-HISTÓRICA

Tomamos como querendo referir-se o tema à *economia política nos tempos pré-históricos*.

Preliminarmente vejamos o que é economia política.

Economia política é a ciência que tem por objeto o estudo dos fenômenos sociais pertinentes à produção, distribuição, circulação e consumo das riquezas.

Segundo I. Lapidus e K. Ostrovitianov a economia estuda as relações sociais que nascem entre os homens, baseados na produção e na repartição dos produtos do trabalho social. (3)

E' deveras impossível! representar-se o homem, mesmo no estado primitivo do seu desenvolvimento, vivendo completamente fora da sociedade. Há razão de dizer-se que o homem é um animal social, informam, ainda, os mesmos autores (4).

Assim como não se pode conceber o homem vivendo fora da sociedade, tão pouco se pode imaginá-lo vivendo em sociedade sem entrar com outros homens em relação de produção, pois mesmo que ele não participe pessoalmente do processo de produção, não deixará, por isto, de manter relações dessa natureza com outros homens, tomada a expressão — relações de produção — num sentido amplo. Ele come, bebe, veste, satisfaz de algum modo às suas necessidades e está, portanto, ligado por meio de *relações de produção* com aqueles cujo trabalho lhe permite satisfazer essas necessidades, sem trabalhar.

Segundo Lapidus e Ostrovitianov, na economia patriarcal natural e na sociedade comunista, que são dirigidas por uma vontade consciente, a economia política não encontra matéria para estudo (5).

Concordando com esses autores quanto às assertivas anteriores, que vimos citando, deles discordamos relativamente a esta última, por entender que não se pode limitar, como o fizeram, o campo objeto da ciência econômica; alcança ela, a nosso ver, todos os fenômenos de produção, de distribuição e consumo das riquezas, ocorram eles quando e em que regime político ocorrerem. Neste ponto, pensamos ser palmar o erro dos citados autores, os quais, aliás, sóem em afirmar certas coisas esquisitas.

Os nossos avoengos paleolíticos, animais sociais que eram, embora fôsse um verdadeiro arremêdo de sociedade a que formavam, já possuíam um certo embrião de vida econômica.

A economia coletora é o sistema econômico próprio da infância da espécie humana, a despeito de alguns *scholass* lhe negarem a aplicação do termo economia argüindo a inexistência de planos nesse tempo primitivo, e que o termo economia tem por conotação algum pensamento em relação ao futuro, uma organização cuidadosa, enfim, uma espécie de sistema (6).

(1) ANTÔNIO MATOSO. História da Civilização, 1.º Vol., 3.ª Ed., 1943, pág. 16.

(2) Idem, idem pág. 17.

(3) I. Lapidus e K. Ostrovitianov, Princípios da Economia Política, Ed. Cultura Brasileira, pág. 7.

(4) Idem, idem.

(5) Idem, pág. 8.

(6) N. S. B. Gras, Ph. D. Introdução à História da Economia, pág. 6.

Da caça e da pesca, fizeram os homens pré-históricos a base de sua alimentação, senão de sua vida.

Afirma N. B. Gras que, como os animais inferiores, aos quais se assemelharam, os homens mais primitivos caçaram, pescaram, cataram frutos, musgos e líquenes, apanhavam pequenos animais, como cobras e lagartos, comiam insetos que se enroscavam sobre seus pés ou enxameavam sobre suas pessoas e esgravatavam o chão em busca de bulbos e raízes silvestres (7).

A princípio ter-se-iam servido da pedra e do espêto de madeira, endurecido ao fogo; mais tarde inventaram o propulsor, que lhes permitiria ferir de longe as caças, sem se exporem. Depois talvez já na era neolítica, usaram a flecha, serviram-se de armadilhas, para lançar mão dos animais e aves de que se alimentavam.

Dos seus hábitos carnívoros encontramos comprovantes nas numerosas ossadas de animais em estações pré-históricas. Segundo informa Wells num grande campo ao ar livre, em Solutré, onde, ao que parece, tiveram reuniões anuais, por muitos séculos, calcula-se que existiam ossos de cem mil cavalos, além de ossos de rangífer, mamute e bisão.

Não se sabe, todavia, se domesticaram o cavalo que conheciam — um *pony* selvagem, tão pequeno que não poderia carregar um homem.

Somente na era neolítica a agricultura e a domesticação dos animais foram praticadas. Os verdadeiros homens da era paleolítica, que substituíram os neandertais, embora usassem as cavernas e os abrigos dos seus predecessores, viviam largamente ao ar livre. Eram povos caçadores e, alguns, ou todos êles, caçavam o mamute, o cavalo selvagem, tanto quanto a rena, o bisão e o auroque. Comiam muito o cavalo. Proviam a tôdas as suas necessidades pela apropriação do que a natureza lhes fornecia nas imediações. A tendência do predomínio da caça e da pesca, na alimentação dos homens de então, é tanto maior quanto mais afastado do equador estava o sítio em que se encontravam, a ponto de não disporem senão delas, como ocorre com os Esquimós. No estágio coletor, o homem cingia-se à natureza; aceitava as suas dádivas, atendia, sem relutar, às suas leis. Um dia alimentava-se, outro não.

Podem-se graduar os povos coletores em dois grupos, os coletores inferiores e os coletores superiores, baseando-se na capacidade caçadora ou no tipo de caça da preferência de cada grupo, bem como na sua combatividade. Eram coletores superiores os que caçavam animais de grande porte (rena, búfalos, ursos, etc.), coletores inferiores eram aquêles que só caçavam animais de pequeno porte (maritacacas, corvos, lagartos, cobras, insetos, etc.).

Os últimos homens paleolíticos vestiam-se, ao que parece, de peles, se é que de todo se vestiam. O que é verdade é que preparavam peles com habilidade e trabalho, nos últimos tempos, usavam, sem dúvida, agulhas de osso para cosê-las, segundo nos informa H. G. Wells.

Suas vestes devem ter consistido em simples coberturas; nem grampos, nem fivelas ou coisa que as valham foram encontradas. Não parece, também, terem usado palha ou fibra para tecidos.

Não tiveram animais pròpriamente domesticados. Observaram, desenharam, mataram e comeram. Não parece, sequer, que tenham cozido os alimentos. Moqueavam e fritavam, talvez, a carne, não mais, pois que não tinham nenhum petrecho de cozinha. Não chegaram a usar a madeira para abrigos permanentes ou estruturas similares. Não é, sequer, certo que tenham possuído tendas ou casebres; talvez possuissem tendas de peles. Não tinham cultura de cereais nem de qualquer vegetal.

A domesticação dos animais, o arco e a flecha só parece terem sido conhecidos no período neolítico.

Segundo nos informa Matoso (8), na era quaternária, vivia o homem inteiramente nu. Só mais tarde é que veio a usar peles de animais para protegê-lo dos rigores da temperatura. O pano só apareceu no período neolítico. Os habitantes dos palafitas conheceram o linho, que fiavam e teciam para vestimenta.

Eram, todavia, êsses nossos primevos, dados às práticas artísticas, que se exprimiam e até nós chegaram através dos seus desenhos, esculturas e pinturas em ossos e pedras. Desenharam melhor que quaisquer dos seus sucessores até o comêço da história.

A LEI NEOLÍTICA

Já passamos em revista, embora ligeira, os fatos mais diretamente ligados à economia nos tempos primitivos, ocorridos até o período neolítico. Façamo-lo, agora, com essa fase dos tempos distantes.

Até o comêço da era neolítica vivera o homem do mais rudimentar aproveitamento daquilo que a natureza lhe podia fornecer para conservar a

(8) Matoso, ob. citada, pág. 24.

Obras em que se baseia o presente trabalho:

1. História da Civilização, de Antônio G. Matoso, 1.º Vol. 3.ª Edição — Editôra Sá da Costa — Lisboa.
2. História Universal, de H. G. Wells, 1.º Tomo. Com. Editôra Nacional S. Paulo.
3. Introdução à História Econômica, de N.S. B. Gras, Ph. D. Livraria Martins Editôra.
4. Princípios de Economia Política, de I. Lapidus K. Ostrovitianov. Edições Cultura Brasileira. S. Paulo.
5. H. Bancroft, Weeks, The Natine Praces. 1886, vol. I, pág. 342.

vida. O trabalho que empregava era pouco mais que apanhar, onde encontrasse, tudo aquilo de que se podia alimentar (animais, aves e pássaros, peixes, frutas) e levá-los à boca, dilacerando-os e triturando-os — se é que trituravam — à vida-mente, com a fome própria de uma época de alimentação incerta e quiçá rara. Depois de longo tempo é que começara a moquear, a assar em espêto, a fritar em laje quente as carnes.

A exata duração desses tempos ninguém, até hoje, ousou determinar; gira ela em torno de hipóteses, que variam, não raro, com os autores. Uma coisa é certa: a velocidade do progresso da civilização dessas longínquas quadras era bem mais lenta que a do avião a jato...

Na era neolítica, então, surge o começo da agricultura e o uso de plantas e sementes, em caráter suplementar e combinado com os produtos da caça e da pesca, que continuam, ainda, a ser básicos na alimentação humana. Há hipóteses de que a agricultura foi descoberta pela mulher e por mero acaso.

De qualquer forma, por rudimentar que fôsse, ela melhorou de muito o problema alimentar dos erradios povos de então.

Domesticam-se, ao lado dela, alguns animais como o cachorro, o boi, o carneiro, a cabra e o porco. Surge a cerâmica e, com ela, a cozinha propriamente dita. Cai de uso comer o cavalo, talvez com o desenvolvimento do porco e do boi, que dão carne mais saborosa e abundante. Desenvolve-se o uso das vestes de peles, iniciando-se, logo, a fiação e a tecelagem.

Segundo se depreende de trabalhos do Professor Herr, alemão, feitos nos lugares onde existiram habitações lacustres, as populações neolíticas conheciam a maçã, a pera, a ameixa, a uva, etc. Um sábio inglês afirma mesmo que se conheciam, já nessa época, três variedades de trigo, duas de cevada, o sorgo e a aveia. Nas cidades lacustres criavam porcos, cabras e carneiros. Só na idade do ferro é que começa a domesticação dos animais.

Na era neolítica conheceu-se o ouro, que é usado nos ornamentos de osso, o azeviche e o âmbar. Particularmente ricos de ouro são os despojos irlandeses pré-históricos, segundo informa H. G. Wells. E' este minério precioso que inicia o contato do homem com os metais. Só muito mais tarde, porém, veio êle desempenhar o papel de importância na economia que hoje conhecemos.

Seis ou sete mil anos após a descoberta do ouro é que vieram os povos neolíticos a usar o cobre ou fundido ou trabalhado na bigorna.

Mas, o cobre não substitui o sílex na fabricação dos instrumentos de uso como ferramenta cortante; falta-lhe a consistência para, como o sílex, manter-lhe o fio.

Depois, bem mais tarde, em época incerta e por acaso, descobriu-se o bronze (mistura de cobre com estanho).

Não foi, contudo, grande a mudança no estado da civilização provocada pelo aparecimento do bronze. Por muito tempo ainda os machados e os instrumentos em geral, embora de bronze, conservavam as formas dos antigos instrumentos de pedra.

O latão (cobre-zinco) fôra conhecido na Índia na mesma época do descobrimento do cobre na Europa.

Finalmente, talvez três mil anos antes de nossa época, na Europa, e ainda mais cedo na Ásia Menor, os homens começaram a fundir o ferro.

Fundiam o ferro por meio de uma forja e o moldavam, aquecendo e malhando-o. Seu aparecimento determinou, gradualmente, uma verdadeira revolução nas armas e nos instrumentos e petrechos então usados pelo homem. Não bastou, porém, para mudar o caráter geral do ambiente humano. Vida cotidiana muito semelhante à que levavam os homens neolíticos de 10.000 anos passados, era a dos camponeses, em toda a Europa, no princípio do século XVIII.

Segundo Wells, no Sudoeste da Ásia, povos contemporâneos dos europeus da Idade da Rena — centenas de séculos passados — iniciavam a agricultura, aperfeiçoaram os seus instrumentos, amansaram o cachorro, domesticaram o gado e, à medida que o clima do norte se ia diminuindo em rigor e os climas equatoriais se tornavam mais tropicais, expandiam-se para o norte.

Os residentes lacustres da Suíça parecem ter vivido em aldeias que se bastavam a si mesmas, aí por cerca de 5 mil anos passados A. C. Esses povos lacustres possuíam, além do cão, boi, cabras e carneiros. Mais tarde, quando se aproximava a era do bronze, já tinham suínos. Ordenhavam, possivelmente, as cabras e as vacas; talvez o leite já fôsse tão importante na economia, como é hoje para os montanhesees suíços. O homem neolítico, portanto, já usava o leite e o queijo, como a manteiga. Completavam o seu suprimento alimentar com a caça do veado, do cabrito montês, o bisão, o javali e a rapôsa.

Dos seus métodos agrícolas pouco se conhece. Cultivavam e comiam o trigo, o centeio e o painço.

Torravam os grãos, trituravam-nos e armazenavam em potes para serem comidos à proporção das necessidades. Já faziam um pão sólido e pesado. O trigo de centeio que possuíam era o mesmo que os antigos gregos, romanos e egípcios cultivavam e usavam; o seu trigo era igualmente uma variedade egípcia, o que demonstra que seus antepassados tinham-no trazido ou derivado do sudoeste. O centro da difusão do trigo devia achar-se em algum lugar na região oriental do Mediterrâneo.

Vestiam-se principalmente de peles, mas já faziam um pano grosseiro de linho. Usavam rédes de linho. Não se conheciam ainda as galinhas e os

ovos entre os povos neolíticos, nem gatos e ratos viviam nas habitações lacustres.

Provavelmente a agricultura tenha começado com a armazenagem de forragem.

Colheram, por certo, antes de semear. O antepassado paleolítico, naquela desconhecida terra de origem, no sudoeste, foi o primeiro a completar o suprimento precário de carne do caçador, comendo raízes, frutos e sementes silvestres.

E' duvidoso que, em qualquer estágio, o homem primitivo tenha sido exclusivamente carnívoro.

A História escrita já havia começado quando armas de ferro vieram na Europa substituir o bronze.

Já, naqueles dias, uma espécie de comércio primitivo tinha surgido. Bronze e armas de bronze e pedras raras e duras como o jado, ouro pelas suas possibilidades plásticas e ornamentais, âmbar pela sua translúcida beleza e peles e rêdes de linho e tecido estavam sendo trocados e roubados e passados de mão em mão, sobre grandes trechos de terra. Sal, também, era objeto de negócio.

A agricultura surgiu numa época que fica entre 8 e 20 mil anos passados, informa Wells.

Antes da agricultura, o homem era um animal de preia errante que usava instrumentos, um animal selvagem e relativamente raro sobre a superfície da terra. Suas únicas posses eram as dos objetos que conduzia.

Grande foi a transformação operada nas condições humanas pelo surto da agricultura. Ela exerce papel importante na fixação do homem.

Parece mesmo que foi fator preponderante no aumento abundante da espécie humana, até então mais ou menos rara. Estabeleceu-se com trabalho regular e periódico para obter alimento mais certo; construiu casas e adquiriu posses, em lugares de uma eterna vida errante à caça de comida. Começou a armazenar os alimentos. Inicia para ele o trabalho, se é que a vida errante de caça já não lhe era um penoso trabalho; cessara de ser o animal de acaso e acidente; transformara-se em um animal econômico entre todos os mamíferos.

Elliot Smith pensa que a agricultura, e não simples atividade lateral, começou no Egito.

O trigo e sua cultura já se tinham espalhado pelas costas do Atlântico e do Pacífico, com a difusão da cultura neolítica, aí por volta de 15.000 ou 10.000 anos A. C.

As primeiras áreas de povos agricultores e sedentários foram o Egito e a Mesopotâmia.

Em franco contraste com êsses sedentários e agricultores, vamos encontrar os povos nômades, na área da Europa, da Ásia Central e dos desertos árabes. A Europa, de terras menos férteis e mais marcadas de estações; a Ásia Central, de pastagens periódicas.

Não se deve supor que tenha precedido na vida da humanidade um estágio nômade ao estágio sedentário (informa H. G. Wells). No começo não havia nômades nem sedentários. O homem, sem residência fixa, errava constantemente à busca do alimento. Os dois modos de vida desenvolveram-se simultaneamente e se especializaram em sentidos opostos. Cada uma dessas condições de vida era mais imposição do meio que uma preferência voluntária. De começo o homem se limitava a lançar mão das dádivas do meio; só muito mais tarde, no curso da civilização, é que, com a descoberta e desenvolvimento da técnica e das ciências, foi aos poucos conseguindo um domínio relativo do meio, adaptando-o às necessidades de suas condições de vida.

Os sedentários dependiam e confiavam mais e mais nos cereais como alimento; os nômades, faziam maior uso do leite, tornando-o alimentação fundamental.

Essa é a síntese do quadro que pensamos constituir objeto da ciência econômica, na pré-história.

Como se vê, nêle se notam todos os fenômenos objeto da economia política, produção, distribuição e consumo de riquezas.

Por certo, ainda não havia o cipoal e a universalidade de fenômenos ou subfenômenos — se é que assim se pode dizer — que ocorrem no campo da economia histórica moderna e contemporânea, mas, certo é que havia vida econômica, rudimentar embora.

Pouco ou nada importa que não houvesse moeda, que inexistisse uma indústria e um comércio desenvolvidos. A moeda é o meio fundamental inventado para facilitar a troca das riquezas só usada já no curso da história propriamente dita. Nem por isso inexistia a troca, nem por isso prescindia-se da troca das riquezas nos tempos pré-históricos.

Já nos tempos mais primitivos, havia verdadeira divisão de empregos entre os sexos, o homem caçava e pescava, a mulher arrancava raízes e colhia frutos. O homem combatia, fabricava seus instrumentos de caça, combate e trabalho; depois instrumentos e objetos de metal e couro e caçava, enquanto a mulher cuidava das crianças, manufaturava tecidos, cozinhava e conservava a caça. Então, como hoje, os dois interesses principais eram a conservação do indivíduo e a perpetuação da espécie, embora instintivamente. Dentro do mesmo sexo encontrava-se a especialização, uns, por exemplo, fabricavam flechas, outros faziam mezinhas, informa Bancroft.

Às vezes a tribo inteira se especializava na colheita de um artigo, enquanto um povo vizinho se dedicava a outro, de maneira que o intercâmbio surgia natural e, por ele, o peixe e o óleo de uma tribo seriam trocados por peles, raízes e caças de outra, informa ainda Bancroft. Eis o embrião de todo o complexo econômico de hoje.